

Novos pecados ao sul do Equador

ROMULO VALLE SALVINO

Eu não peço desculpa de Caetano Veloso e Jorge Mautner. Compact Disc. Universal Music. Produção: Kassin e Caetano Veloso. Direção Artística: Max Pierre. Gerência Artística: Ricardo Moreira. Supervisão Executiva: Conceição Lopes. Produção Executiva: Beth Araújo. 2000.

Resumo *Eu não peço desculpa*, CD de Caetano Veloso e Jorge Mautner lançado em 2002, retoma algumas das proposições do Tropicalismo em um contexto histórico diferente. A partir dessa premissa, o texto procura colocar em discussão um tipo específico de convergência entre a cultura e a história, a arte e o mercado, proposto pela atual música popular brasileira.

Palavras-chave música popular brasileira, tropicalismo, literatura brasileira contemporânea, meios de comunicação de massas

Abstract *Eu não peço desculpa (I don't ask for excuse)*, CD of Caetano Veloso e Jorge Mautner issued in 2002, reexamines some of the historical propositions of Tropicalism in a different context. Based on this premise, the text brings to discussion a specific type of convergence between culture and history, art and the market, as posed by current Brazilian popular music.

Key words Brazilian popular music, Tropicalism, Brazilian contemporary literature, mass media

Mais de 30 anos depois do primeiro contato entre os dois no exílio londrino, *Eu não peço desculpa* marca o reencontro entre Jorge Mautner e Caetano Veloso, reeditando uma parceria que rendeu bons frutos na segunda fase da Tropicália. O anúncio desse trabalho deixou muita gente surpresa, como se pode constatar facilmente pela cobertura da imprensa, tendo em vista o fato de os dois artistas terem seguido trajetórias muito distintas, principalmente a partir da primeira metade dos anos 1980, com Mautner, compositor semi-maldito, freqüentando esporadicamente o mercado fonográfico, e Caetano tornando-se uma quase unanimidade nacional. Todavia, basta uma audição do CD para se ter certeza de que ambos ainda podem fazer muito em conjunto pela cultura e pela música brasileiras.

O novo encontro reveste-se de conotações que ultrapassam o consumo mais imediato do disco e pode lançar outras luzes sobre a convergência entre uma dada estética e dois momentos históricos distintos, num jogo que, ao mesmo tempo em que reafirma determinadas propostas, parece ilustrar, de modo consciente, tanto o fato de que o passado somente pode repetir-se como diferença quanto as ambigüidades das relações entre a arte, o mercado de consumo e a mídia. Nesse aspecto, *Eu não peço desculpa* surge como uma possível releitura de algumas das principais propostas tropicalistas, num outro contexto histórico, em que muitas das bandeiras daquela época já não fazem sentido. É um disco de tese, e isso é importante num momento em que tanto se reclama de certo mau-gosto e da rendição ao mercado que assolariam a música brasileira - mau-gosto e rendição que realmente existem, mas, não custa lembrar, sempre existiram e, como ainda insistem os herdeiros da Tropicália, nunca deixaram de manter relações dúbias com o que de melhor se produz, seja como alvo de paródia, seja como legítima inspiração.

O nome do CD foi retirado da faixa de abertura, *Todo errado*, de Mautner. A composição, brincadeira mais com as canções cafonas dos anos 70 do que com o brega atual, talvez pudesse ser cantada por Odair José. Se Odair José fosse cantado por Mautner ou Caetano, estaríamos diante de um *ready made*. Todavia, Mautner cantado por Mautner e Caetano, parodiando Odair, com o comentário irônico de um violino que desloca tudo, relembra muito daquele ímpeto falsamente cafona do tropicalismo, capaz de mimetizar, devorar e reatualizar o *kitsch*, dando-lhe uma nova dimensão. O conjunto da canção talvez não soe bonito para determinados ouvidos, mas faz sentido diante do restante do disco. Participam, até certo ponto, dessa recuperação do "mau gosto", procedimento tipicamente tropicalista, outros momentos do CD, como o encontro entre a avacalhação e o ingênuo de *Voa, voa, perereca* ou um certo tom farsesco de *Tarado*, capaz de misturar lirismo e vulgaridade em doses quase iguais. Num momento em que principalmente Caetano Veloso

torna-se cada vez mais um artista cultivado pelas elites bem-pensantes, cada vez mais consumido como um ícone culto, esse tipo de mistura – entre o estético e o vulgar, o bem-feito e o grosseiro – reatualiza algo de sua carreira (e das carreiras dos seus principais parceiros), que apesar de muito lembrado em suas entrevistas (a defesa da *axé music*, o louvor a É o Tchan), cada vez é menos evidente, não em sua produção, mas na forma como é consumida.

No caso, é como se *Todo errado* reafirmasse, num outro momento histórico, uma ambigüidade básica do antigo Tropicalismo, em que a paródia não deixava de ser louvação das formas desprezadas da cultura de massa, encaradas ao mesmo tempo em suas limitações estéticas e como reserva de material e energia para uma produção mais autoconsciente, numa maneira muito própria de misturar a metalinguagem com a linguagem objeto. Mistura que a Tropicália defendeu ser tão legítima quanto aquela entre o branco e a mulata, o arcaico e o moderno, a Bahia e a Inglaterra dos Beatles, o samba e a poesia concreta. Nesse sentido, é como se tudo fosse errado e tudo fosse certo ao mesmo tempo, e não houvesse por que pedir desculpas.

Há história em *Eu não peço desculpa*, mas não saudosismo. O disco tece uma espécie de painel sincrônico das misturas que compõem tanto o Brasil quanto a sua música – um painel que vai muito além desses cruzamentos entre o que poderíamos chamar de uma “alta cultura de massas” e uma “baixa cultura de massas”. Cruza o antigo e o moderno, num diálogo irônico mas ao mesmo tempo afetuoso. Nele, o passado ressurgiu deslocado, transformado, deslocando também o presente. Há, no CD, um mosaico de citações e paródias, de Lamartine Babo a Carlinhos Brown, que tem texto e música roubados numa divertida versão *gay* de seu *hit A namorada*, marotamente transformada em *O namorado*. O Noel Rosa e o Lamartine de *A. B. Surdo*, canção dos anos 30 que dizia que “*No cemitério toda gente pra viver/Tem que falecer*” são lembrados em *Morre-se assim*, de Mautner, e cruzados com uma revisão gaiata de Augusto Comte (“*Os vivos são governados pelos mortos. Que nada, os vivos são governados pelos mais vivos ainda*”). Na versão mautneriana, a frase original de Noel e Lamartine perde a galhofa e repinta-se com as cores algo sombrias de um novo tempo em que se morre “*assim como se faz um atchim*”, não de gripe, mas de bala perdida. Um tempo, no entanto, em que apesar do tom pesado, ainda é possível e necessário fazer piadas, como a mencionada torção da frase comtiana. O Brasil de hoje não é o daquela época, mas ficou a capacidade de misturar e reciclar, encarada como algo positivo, o que é registrado com entusiasmo no *Hino do Carnaval Brasileiro*, de Lamartine Babo, que Caetano e Mautner entoam no final do disco quase como uma receita de salvação universal.

A mistura parece celebrar-se a todo momento. Em *Feitiço* – ironicamente uma das poucas composições do CD a não trazer guitarras ou metais mais agressivos –, canta-se a nossa música, que tem “*guitarra de rock’n roll, batuque de candomblé*” (...) *tem mangue bit, berimbau/tem hip-hop, Vigário Geral*! “*Zabé come Zumbi/Zumbi come Zabé*”, diz o samba, misturando antropofagia e sexo, resistência e concessão, o negro de armas na mão e a princesa de áurea pena, num quase refrão que é resgatado no encerramento do disco, logo depois do hino de Lamartine Babo. Mais que celebrada, porém, a mistura se corporifica na sarabanda descarada de gêneros e estilos de um conjunto que traz um pouco de tudo, desde sambas rasgados e canções com um tom ironicamente *pop* até o quase fado de *Graça divina* e as ressonâncias tecno em *Manjar dos reis*, numa espécie de mosaico histórico de uma MPB que não hesita em mergulhar nas mais diferentes águas e sons. A retomada de estilos e autores parece complementar, em sentido contrário, a frase de Comte – os vivos podem, também, governar os mortos

A própria trajetória dos dois artistas é revisitada. Caetano canta *Lágrimas negras* e *Maracatu atômico* de Mautner. No primeiro caso, dá novas forças ao lirismo quase escondido na interpretação original. No segundo, dialoga mais com as leituras de Chico Science e Nação Zumbi, em *Afrociberdélia*, do que com a já histórica versão de Gilberto Gil, gravada em 1974, inovando ao introduzir os tambores que já pareciam ressoar na música desde a sua concepção. Mautner, por outro lado, retoma um dos clássicos de Caetano, *Cajuína*, num canto melancólico que, mais uma vez no disco, parece trazer a morte à cena, nesse caso não como uma presença explícita como em *Morre-se assim*, mas como algo que não se pode dizer, embora esteja ali. Caetano torce Mautner, Mautner torce Caetano e, no caldo que escorre, encontra-se um terceiro, que talvez seja mais Mautner que Caetano, mas não deixa de ser nenhum dos dois.

A presença de Mautner faz-se sentir antes naquilo que poderíamos chamar imprecisamente de conteúdo do disco do que em sua forma musical. O autodeboche misturado com uma certa autocondescendência é mais dele que de Caetano, assim como a forte presença de um outro tipo de mistura, que se evidencia principalmente na obra literária mautneriana, em que adquire uma dimensão metafísica: aquela entre sexo e morte, presente inclusive nos títulos de alguns livros, como o *O Deus da chuva e da morte*, *Sexo do crepúsculo*, *Poesias de amor e de morte*.

O público, nos dias de hoje, pode comparar facilmente o Mautner poeta e prosador com o Mautner cancionista, de modo a verificar como essas facetas se interpenetram. Toda a sua obra literária foi republicada pela Editora Azougue, alguns meses antes do lançamento de *Eu não peço desculpas*, numa caixa intitulada

Mitologia do Kaos, com três volumes acompanhados de um CD de mesmo nome, num conjunto que reafirma o quanto literatura, canção e postura existencial são inseparáveis para compreendê-lo. Há toda uma visão de vida e de arte – ou melhor, de “vidaarte” – ali, com um anarquismo ao mesmo tempo místico e ateu, uma recusa da separação do mundo em categorias estanques, definidas por gêneros e graus, que encontra correspondência direta na atuação do Mautner cancionista, avesso a qualquer delimitação entre o bom e o mau-gosto, o popular e o erudito. Peter Pál Pelbart disse que Mautner junta “*libidinosamente Macunaíma e Dioniso*” (Pelbart 2002: 145), e há muita verdade nisso, com todo o exagero que pode implicar o encontro entre o herói sem caráter e o trágico deus do vinho. O baiano Caetano Veloso, numa espécie de inversão de estereótipos, sem chegar a ser apolíneo, tem mais de Apolo que o quase germânico-Mautner: suas obras, mesmo que quase sempre dominadas pela festa, demonstram um respeito maior com a própria fatura, uma atenção para os limites que talvez tenha algo a ver com o gosto do compositor pela poesia concreta. Em Mautner, predominam o improvisado, o mergulho direto no texto e na música, a irrupção de forças inconscientes, algo de *stream of consciousness* ou, às vezes, de uma escritura quase surrealista – ainda que tudo se tinja, um tanto contraditoriamente, de deboche e ironia.

O conteúdo libertário, as miscigenações quase abusivas presentes na literatura mautneriana acabam se espalhando de outro modo por *Eu não peço desculpa*, sem que o disco formalmente se abra para os improvisos e divagações que permeiam os shows do artista e que estão parcialmente resgatados no CD *Mitologia do Kaos*. Nesse aspecto, a parceria entre Caetano e Mautner é mais comportada, mais comedida – e não poderia ser diferente num disco que, afinal, tem pretensões comerciais.

Por outro lado, numa primeira audição, parecem ausentes, em *Eu não peço desculpa*, os experimentos vanguardistas que marcaram época, mas se prestarmos bem atenção é fácil ver que eles estão lá, mas como lembrança e comentário de si mesmos. Só não os percebemos de imediato porque hoje – e isso é uma vitória daqueles rapazes cabeludos de trinta anos atrás – perderam muito de experimental e se transformaram não numa fórmula, mas numa forma que ainda pode oferecer resultados esteticamente bem compensadores. Isso mesmo é um sinal dos tempos, de uma época que parece ter assimilado tudo e em que não faz mais sentido ir *É proibido proibir* ou sentir algum estranhamento com *Domingo no parque*. O ímpeto de invenção tropicalista ressurge, agora quase como um tributo ao passado, em *Urge Drago*, composição de Mautner cantada em dupla com Caetano. Mautner começa declamando em latim – *Urge dragon/Ave Caeser* – e logo é acompanhado por tambores triunfais, que dão espaço a uma seção em que a voz se torna canto lau-

datório, sempre em latim, acompanhada por uma marcha entoada por uma pequena orquestra de metais e cordas. Em seguida, entram vozes marciais, agora em português – “*Salve o nosso guia/Pro que der e o que vier/Salve o nosso guia/Jorge Mautner*” –, que em seguida cedem espaço a uma autêntica batucada. No final, Mautner diz que “*Ou o mundo se brasilifica/ ou vira nazista/ Jesus de Nazaré/e os tambores do candomblé*”, abrindo espaço para uma nova seção de batucada, de matriz nitidamente africana, que parece comentar as transformações por que passa a canção, salva do tom imperial pela alegria dos tambores capazes de irmanar Jesus e os orixás.

Está presente aí uma mistura de gêneros, ritmos e instrumentos que faz parte da história da música popular brasileira, organizada, no caso, de maneira quase eisenteiniana, à moda tropicalista. Está presente também um certo tom que poderia ser chamado de narcísico (*Salve Jorge Mautner*), presente em boa parte da Tropicália, como mais uma de suas ambigüidades, mas que, por revestir-se – quase paradoxalmente – de ironia e uma forte dose de generosidade, por brincar consigo mesmo e se desmentir, tem o seu sinal invertido e pode servir como antídoto e contraponto às grandes fantasias egóicas coletivas que resultaram, por exemplo, no nazismo e, aqui no Brasil, numa certa faceta do getulismo .

Se as letras das canções têm pontos altos, como o lirismo de *Graça divina* e a colagem de *Morre-se assim*, há também tropeços, como o tom panfletário, monológico presente em *Coisa assassina*, de Gilberto Gil e Mautner, ou em *O homem bomba*, de Mautner e Caetano. Embora, principalmente no trabalho de Mautner, nunca deixasse de estar presente algo de pregação política e ideológica, ainda que tingida de ambigüidade e contradições, seria impensável ele, Gil ou Caetano gritando contra as drogas ou dizendo-se a favor do “*estudo e o trabalho em harmonia*” nos anos 70, o que faz da mudança sintoma e interpretação de um tempo em que os panfletos podem veicular sem vergonha as mensagens “caretas” de outras épocas.

Alguém já disse que não gosta de se reler para não influenciar a si mesmo. Borges, com seu Pierre Ménard, já mostrou que a frase pode valer, no máximo, como uma *boutade*. *Eu não peço desculpa* relê, de certo modo, a Tropicália, sem ser tropicalista, num momento em que o mercado é outro, em que a cultura de massas tem uma outra feição, em que as vanguardas artísticas perderam muito de seu sentido, em que a droga já não é sonho libertário mas problema social, em que é possível aceitar o namorado do namorado da moça e rir dele ao mesmo tempo, em que já não temos militares no poder, mas restam Candelária, Vigário-Geral, Favela Naval, atualizações daquela criança feia e morta da canção de Caetano, enquanto o

Brasil ainda é o Brasil, o que quer que seja isso. Não é um manifesto, um disco histórico como *Tropicália*, mas a História o impregna em todos os sentidos, não como uma fatalidade, mas como algo a ser manipulado, discutido e refeito se possível. As capacidades de reflexão e de debochar de si mesmo, mais que o violino ou o artesanato musical, é que podem colocar *Todo errado* muito à frente de todo o repertório com quem conversa.

Nesse contexto, que propõe o encontro entre um saber fazer e um saber viver, é que as frases oswaldianas "*Ou o mundo se brasilifica ou vira nazista*" e "*Zabé come Zumbi/Zumbi come Zabé*", atualizações críticas de um sonho, podem lançar, mais uma vez, o desafio de um país ou mundo com culpas, sim, mas sem desculpas.

REFERÊNCIAS

- FAVARETTO, Celso (1996). *Tropicália – Alegoria, Alegria*. 2a. ed. São Paulo: Ateliê Editorial.
- MAUTNER, Jorge (2002). *Mitologia do Kaos*. São Paulo: Azougue.
- PELBART, Peter Pál (2002). Jorge Mautner. In: NESTROVSKI, Arthur (org.). *Música popular brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha.

ROMULO VALLE SALVINO é bacharel em História pela USP, especialista em Literatura pela PUC/SP e doutorando pelo PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, onde realizou seu mestrado. É autor de *Catatau: as Meditações da Incerteza* (São Paulo: EDUC) e co-editor de *Sibila – revista de poesia e cultura* (São Paulo: Ateliê).

Resenha agendada em novembro de 2002 e aprovada em janeiro de 2003.